



18º Congresso de Iniciação Científica

**A INFORMALIDADE NA CIDADE DE PIRACICABA: O COMÉRCIO AMBULANTE DA FEIRA DE
ARTESANATO DE PIRACICABA (DESCRIÇÃO DEMOGRÁFICA E PERFIL DA OCUPAÇÃO)**

Autor(es)

JOÃO CARLOS FIGUEIREDO LOPES

Orientador(es)

MARIA THEREZA MIGUEL PERES

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

Via informalidade, significativa parcela da população inicia e desenvolve suas atividades econômicas como forma de garantir a reprodução das suas condições de vida. Os diferentes modos de inserção destes agentes no mercado de trabalho urbano representam a iniciativa ou mobilização por formas criativas de geração de renda, por mínima que seja, frente à incapacidade da oferta de empregos formais também comprometida pela precarização dos postos de trabalho cujos salários, relações contratuais e ambiente de trabalho não satisfazem plenamente o trabalhador. Deste modo, a precarização do trabalho é colocada como produto do comportamento das empresas nacionais e estrangeiras ao por em prática diversos programas de redução de mão-de-obra, a partir de inovações na gestão do trabalho, terceirização e subcontratação etc. Apesar do crescimento urbano industrial, uma parcela da sua população não está absorvida no mercado formal de trabalho.

O poder público local passa a reconhecer a eficiência desta economia na medida em que gera trabalho e renda, e organiza e mantém como no estudo de caso em questão, a Feira de Artesanato da cidade de Piracicaba, no interior do Estado de São Paulo, já com 35 anos de duração. A feira de artesanato é alocada como produto turístico da cidade, sob responsabilidade da Secretaria de Turismo (SETUR). Isso permite com que se acentue o seu papel hospitaleiro na medida em que interage residentes e visitantes, representando o turismo da cidade.

O destaque para o trabalhador informal conta própria e formas análogas deve-se a sua grande expansão e maior participação no mercado de trabalho, numa espécie de surto a partir de 1990. Tal aumento se fundamenta principalmente como estratégia frente ao desemprego, e sua atuação normalmente está ancorada na lógica base da informalidade, a reprodução da vida, podendo incluir familiares e outros indivíduos na atividade. Relaciona-se com o formal, na proporção que sua renda e atividade dependem fundamentalmente da massa de salários derivadas dos empregados com registro e sem registro. Não há um perfil exato que caracterize esse grupo, pois além de indivíduos que se guiam pela necessidade podem-se encontrar também indivíduos que permanecem nesta atividade por preferência. Até porque, dependendo da atividade e da capacidade do indivíduo há a possibilidade de adquirir renda superior em relação à condição de assalariado do setor formal, por exemplo, além de estar numa posição que não têm patrão.

Também se ressalta que a importância do segmento comércio no universo dos serviços dá-se pela significativa quantidade de postos de trabalho que engloba, e se aprofundarmos mais ainda percebe-se que o comércio ambulante é o grande representante deste universo, e que na grande maioria situado na informalidade.

2. Objetivos

O artigo tem por objetivo elaborar o perfil da informalidade no comércio ambulante da Feira de Artesanato de Piracicaba, considerando a descrição demográfica dos permissionários e as características de sua ocupação, em específico no que tange a origem do permissionário, sexo, idade, escolaridade, posição na ocupação e tempo de atuação na feira. Também se buscou conhecer a controvérsia em torno da conceituação de economia informal e a dinâmica da economia informal brasileira através de revisão de literatura.

3. Desenvolvimento

A feira de artesanato de Piracicaba é um evento ambulante que se realiza na maioria das vezes de quarta-feira a domingo, porém as datas estão sujeitas a alterações conforme calendário projetado pela SETUR; na área central do município de Piracicaba, atualmente ora na Rua do Porto, um dos cartões-postais da cidade; ora na Praça Central, que fica circunscrita perante bancos e outros estabelecimentos comerciais com intenso fluxo de pessoas.

Em tese, haveria 100 permissionários atuando conforme ficha cadastral, contudo foram entrevistados 70 permissionários. A análise do perfil dos permissionários foi baseada em dados primários coletados através de pesquisa de campo por meio de um questionário estruturado. As entrevistas foram realizadas desde 07/11/2009 e finalizadas em 20/04/2010. Cada entrevista durava entre 40 minutos à 1 hora. Este universo, porém, não foi alcançado em decorrência da desistência de alguns permissionários, conforme depoimentos. Além disso, uma série de limitações dificultou as entrevistas como o cancelamento de feiras seja por um evento mais importante ou por fenômenos naturais como a chuva, já que a estrutura da feira é sensível a este fenômeno natural. A análise que compõe o artigo proposto tem como base apenas uma parcela das informações levantadas, atendendo aos objetivos propostos.

4. Resultado e Discussão

Na intenção de saber qual o nível de atração que a cidade de Piracicaba, especificamente no caso de sua feira de artesanato, exerce sobre os indivíduos no sentido de oportunidades de trabalho; fora indagado aos permissionários qual a sua cidade de origem e respectivo estado, com a finalidade de identificar qual o peso e tipos de migração que configuram o objeto de análise. Ao agrupar em regiões, observa-se que a grande maioria é oriunda da região Sudeste com 78,5%, sendo que 72,5% referem-se ao Estado de São Paulo. Em seguida aparece a região Nordeste com contribuição de 14,5%, a região Sul com 4,35%, a região Centro-Oeste e a Norte com 1,45% cada. Deste modo, é possível entender que o setor informal piracicabano se constituiu como porta de entrada para o mercado urbano a um significativo contingente populacional de 21,75% no que tange a fluxos de longa distância. Apesar da feira ser predominantemente composta por piracicabanos, identifica-se certa diversidade na origem dos permissionários, já que temos representantes de todas as regiões brasileiras, inclusive um estrangeiro. O que em tese pode significar a inserção de novos tipos de conhecimentos e outros aspectos culturais, contribuindo na caracterização da feira.

Quando se isola o estado de São Paulo e considera as cidades de nascimento obtém-se um alto percentual de nativos entre os permissionários, 64% frente a 36% de migrantes, sendo que 6% do total são migrantes da capital. Também se mostra que dentre as cidades apontadas, 9 cidades ou 18% do total, constituem de migrantes de municípios vizinhos, dentro do perímetro da região administrativa de Campinas na qual se inclui a cidade de Piracicaba.

Qual o tipo de mão-de-obra que predomina na feira? Para a variável sexo, constatou-se a predominância da mão-de-obra feminina, com 78,57% frente a 21,43% masculina. Conforme os estudos anteriores, já se notava uma tendência crescente para a maior presença feminina nas ocupações de modo geral, presentes nas estimativas de Pochmann (2008), que no Brasil, considerando os anos de 1985 e 2005, chegaram de 33,4% para 42,1%, e no estado de São Paulo, não muito diferente, de 34,1% para 42,7%. O resultado obtido é semelhante aos estudos de casos mencionados assim como em outras experiências de casos sobre informalidade como os camelódromos. No caso dos dois estudos de casos apresentados, é bastante similar os resultados com 86,7% para Alexânia e 77,22% para Lavras. É provável que o resultado desta variável em Piracicaba, deva as melhores condições que a Feira oferece, com pontos de atuação determinados, legalizado e policiado, diminuindo os riscos e dificuldades apontados pela cidade de Uberlândia. Além disso, o horário definido permite que se concilie com os afazeres domésticos e com os filhos.

Em relação a faixa etária dos permissionários, verifica-se percentual de 31,43% para aqueles que se encontram na faixa entre 51 e 60 anos, 24,29% àqueles entre 41 e 50 anos, 18,57% entre 31 e 40 anos, 8,57% entre 20 e 30 anos, 10% entre 61 e 65, 5,71% com mais de 65 anos e uma permissionária com 16 anos representando 1,43%. A presença de pessoas idosas corresponde a 15,71%. Considerando a dificuldade em se conseguir emprego conforme a idade aumenta, identifica-se que 71,43% têm mais de 41 anos. Isto reflete em parte o grau de necessidade ou dependência dos permissionários em relação a feira, já que se trata de uma grande maioria adulta e idosa.

Frente aos estudos de casos, é possível perceber similaridades. Alexânia teve 73,3% para a classe predominante de 36 a 45 anos e Lavras 34,18% para a classe predominante de 41 a 50 anos. Piracicaba mostra que seus permissionários são pessoas maduras que

teoricamente já passaram da fase de qualificação profissional. A bem da verdade, rigorosamente, apenas 10% deles, os que estão na faixa entre 20 e 30 anos e a menor de 16 anos, ainda estão em fase de qualificação profissional. O percentual para a faixa idosa indica a insuficiência do valor da aposentadoria, obrigando estes indivíduos a complementar a renda.

Os permissionários da feira apresentam um nível escolar acima do que prevê a literatura informal. Obteve-se o percentual de 34,29% com Ensino Médio completo, 17,14% de 5ª a 8ª série incompletos, 12,86% com 5ª a 8ª série completos, 10% com superior completo, 10% com 1ª a 4ª série completos; 8,57% com Ensino Médio incompleto, 4,29% apresentam ensino básico de 1ª a 4ª série incompletos, 2,86% com superior incompleto. Esse quadro é de fundamental importância para se pensar programas de qualificação que considerem a formação escolar básica. A escolaridade da feira também é superior a Alexânia cuja classe escolar predominante é a do ensino fundamental incompleto, que se posiciona como a segunda maior classe escolar na feira de artesanato de Piracicaba.

Em relação ao perfil ocupacional dos permissionários, distinguiram-se duas categorias: conta própria não-formalizado (97,14%) e empregador não-formalizado (2,86%), pois intencionou-se distinguir aqueles que atuam sozinho dos que contam com alguma ajuda nos negócios através da presença de outras pessoas no Camelódromo. Considerando a ocupação principal, 74,29% encontram na feira do Artesanato como sua ocupação principal, 15,71% são aposentados, 2,86% são faxineiros e 1,43% para cada uma das atividades seguintes: Autônomo, mecânico de autos, proprietária de floricultura, serviço fixo e vigia.

Para a variável mobilidade ocupacional, volta-se ao pressuposto inicial de que se intencionava constituir-se de um espaço transitório que garantisse ocupação remunerada aos ambulantes enquanto buscam uma oportunidade para acessar uma atividade formal, seja no mercado de trabalho, seja como empreendedor. Dessa forma, esperava-se que os ambulantes permanecessem ali por espaço de tempo não superior a dois anos. Observa-se, entretanto que apenas 18,6% dos permissionários estão ali por tempo inferior a dois anos, sendo que no extremo oposto, tem-se uma maioria composta de 34,3% que está ali a mais de 10 anos. Identifica-se ainda que um contingente significativo de 28,6% estão superior a 5 e inferior a 10 anos. Infere-se que o tempo médio de presença na Feira é de cerca de 8 anos. Por fim, há uma série de histórias particulares que evidenciam o quanto a feira transcende o aspecto econômico, seja para livrar de uma depressão como pelo prazer da atividade, entre outras justificativas. Mostrou-se também os pontos de insatisfação como a falta de divulgação, quanto ao calendário da feira, o excesso de produtos industrializados, a ausência de crédito, a estrutura da barraca e a queda catastrófica das vendas mesmo em dias como o dia das mães e o natal.

5. Considerações Finais

A conceituação formal e usual da informalidade consagrada pela 15ª Conferência de Estatísticos do Trabalho, promovida pela OIT, baseia-se na lógica da necessidade humana, que garante trabalho e renda para inúmeras pessoas, que são impelidas a criarem alternativas de sobrevivência através da inserção no setor informal em face de um sistema econômico bastante excludente. Apesar desta racionalidade econômica ser divergente à capitalista, isto não significa que são setores independentes. O setor informal é entendido neste estudo como parte integrante do sistema capitalista, posto que resulta do excedente de mão-de-obra do setor formal. Também se coloca que além da facilidade de entrada, a tecnologia e a estrutura de mercado são outras propriedades que determinam este setor. Isso leva a definir o setor informal como um universo de empresas e/ ou pessoas ocupadas em atividades não organizadas, em que seus processos tecnológicos são simples e que normalmente dispõem-se na base da estrutura produtiva. No caso do comércio, os vendedores ambulantes representam a base da pirâmide. É somente a partir de 1990 que o setor informal começa a ganhar importância e a ser tratado como gerador de atividades econômicas, evidenciando um grande movimento popular que se adapta e enfrenta as condições do sistema.

Os resultados indicam que os permissionários se constituem principalmente de mulheres, com uma idade já avançada, com escolaridade superior a literatura informal, alcançando a média de aproximadamente 9 anos de estudos e são na sua grande maioria piracicabanos. Na média também, os permissionários estão instalados na feira a tempo superior a 8 anos, são praticamente conta-própria, informais e para a grande maioria esta atividade se constitui como principal fonte de renda e não complementação.

Referências Bibliográficas

BERTOLUCCI, Fábio Luiz. A área central de Uberlândia: espaço preferencial das atividades informais - os camelôs e ambulantes. II Simpósio Regional de Geografia "Perspectivas para o cerrado no século XXI". Instituto de Geografia da UFU, 25 a 29 de Nov. de 2003.

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. Economia e Sociedade. Campinas, v. 14, p. 153-174, Jun. 2000.

CASTRO, J. D. B.; CASTRO, M. C. G.; LAURIAS, N. C. Feira artesanal de Alexânia: um modo singular de comércio. Disponível em: < <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/conj/conj11/artigo05.pdf>>. Acesso em 22 fev 2010.

KRAYCHETE, Gabriel. Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. In: KRAYCHETE G.; LARA F.; COSTA B. (Org.); Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MELO, Hildete P. de; TELES, Jorge Luiz. Serviços e informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 1-22, Dez. 2000. Disponível em: . Acesso em: 18 dez. 2008.

RICCI, Fábio; SANT'ANA, Rosângela. Desenvolvimento Turístico Sustentável: o artesanato local com alternativa na cidade de Santo Antônio do Pinhal, SP. Cultur, Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Santa Cruz, ano 3, n. 01, pag. 92-110, Jan, 2009.

MAFRA, F. L. N. Trabalho informal e qualidade de vida: interações possíveis no contexto local. Disponível em: < <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/OGT/ogt0405.htm>>. Acesso em 20 jan. 2010.

Anexos

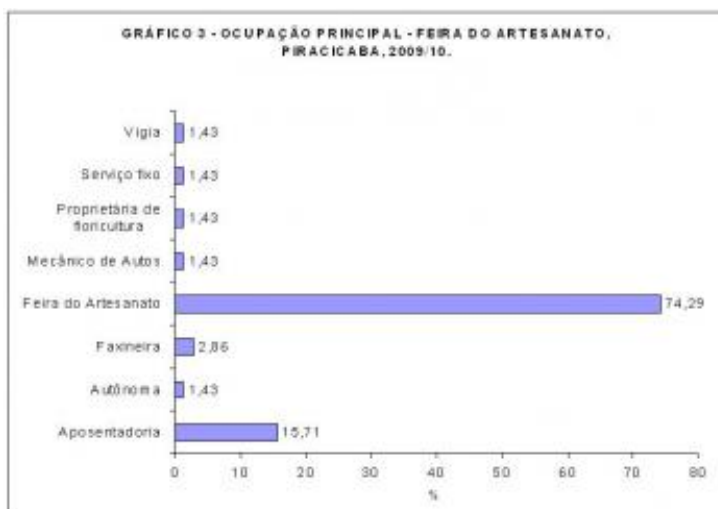
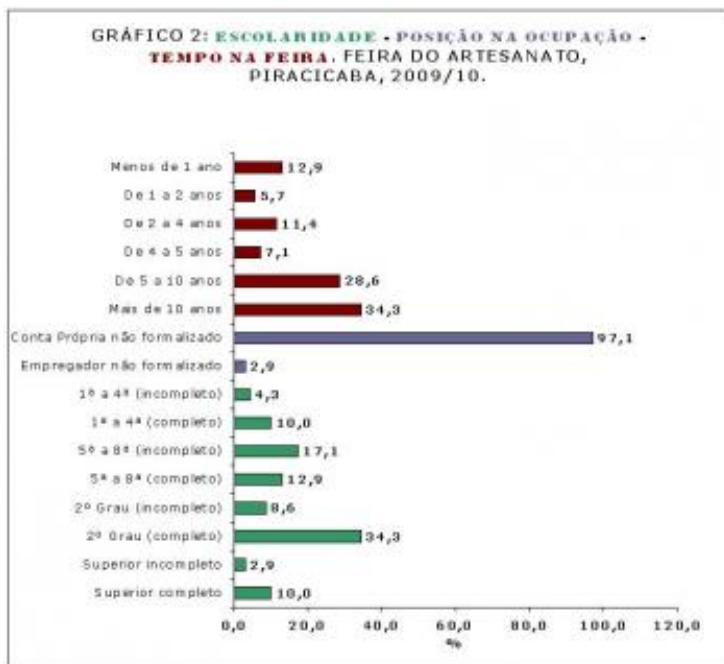


GRÁFICO 1: SEXO - REGIÃO - CIDADE - IDADE.
FEIRA DO ARTESANATO, PIRACICABA, 2009/10.

